



## AS NOVAS FORMAS DE SE RELACIONAR E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: O EXEMPLO DO FILME “ELA’, DE SPIKE JONZE

**Patrícia Leal Correa**

Mestre e Doutoranda em Humanidades, Culturas e Artes (UNIGRANRIO)

**Daniele Fortuna Jornalista (UFRJ)**

Mestre em Literatura Brasileira (UERJ), Doutora em Literatura Comparada (UERJ),  
Pós-doutora em Comunicação (UERJ)

**Jacqueline Lima Historiadora (UERJ)**

Mestre em História Social da Cultura (PUC-RJ), Doutora em Sociologia (IUPERJ),  
Pós-doutora em História (UERJ) e Cognição e Linguagem (UENF)

**Dostoiewski Champangnatte**

Pós-Doutor em Comunicação e Doutor em Educação pela UERJ; Mestre em  
Educação pela UNESA; Bacharel em Comunicação Social - Cinema pela UFF-RJ e  
Licenciado em Pedagogia pela Alfamérica.

**Resumo:** A partir do filme *Ela*, dirigido por Spike Jonze, este artigo busca analisar como as tecnologias digitais associadas à internet podem influenciar as maneiras de sentir e de se relacionar com outro na contemporaneidade. Para tanto, discutiremos como os personagens do filme demonstram seus sentimentos e como isto se revela como uma espécie de sintoma do momento atual. Trataremos ainda como a película aborda a questão do sujeito e das relações pessoais e a influência das tecnologias digitais na produção das subjetividades. Por fim, ainda com base em *Ela*, falaremos sobre as novas formas de relacionamentos surgidas com o ciberespaço.

**Palavras-chave:** Cinema; Tecnologia digital; Sentimentos; Subjetividades.

**Abstract:** Based on the film *She*, directed by Spike Jonze, this article seeks to analyze how digital technologies associated with the internet can influence the ways of feeling and relating to others in contemporary times. To do so, we will discuss how the characters in the film demonstrate their feelings and how this is revealed as a kind of symptom of the current moment. We will also deal with how the film addresses the issue of the subject and personal relationships and the influence of digital technologies

in the production of subjectivities. Finally, still based on She, we will talk about the new forms of relationships that have emerged with cyberspace.

**Keywords:** Movie theater; Digital technology; Feelings; Subjectivities

## Considerações Iniciais

A socióloga francesa Claudine Haroche (2008) considera que as maneiras de sentir revelam transformações nos processos de subjetivação e nos tipos de personalidade. Para Haroche (2008, p. 201), atualmente, nossos sentidos são alvo de fluxos sensoriais contínuos, o que, segundo ela, acaba afetando “a capacidade de vivenciar sentimentos e, em particular, o sentimento de existência do eu e do outro”.

Com isso, os limites entre a exterioridade e a interioridade ficam abalados. De acordo com a socióloga, esses limites são ameaçados pelas formas tecnológicas, que implicam um desengajamento do sujeito não somente em relação aos sentimentos, mas à própria vida. Na contemporaneidade, as relações costumam ser superficiais, apressadas e efêmeras, fazendo com que os indivíduos se tornem cada vez mais isolados, mesmo quando se relacionam com outras pessoas.

Os sujeitos se tornam cada vez mais autocentrados. Segundo Gauchet (1998 apud Haroche, 2008, p. 213), os contornos da personalidade contemporânea são marcados por uma “aderência a si”. Surgem novas formas de sentir. Como afirma Gilles Lipovetsky (2004), as personalidades se fragilizam, o “eu” se desestabiliza.

Trata-se da “individualização extrema de nossas sociedades o que, tendo enfraquecido as resistências ‘a partir de dentro’, subjaz à espiral dos distúrbios e desequilíbrios subjetivos” (LIPOVETSKY, 2004, p. 84). Lipovetsky (2004, p. 84) considera ainda que a natureza socialmente cambiante que se instaura na contemporaneidade provoca “manifestações de esgotamento e ‘panes’ subjetivas”, pois, quanto mais o indivíduo “quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso do viver”.

Nesse sentido, com o intuito de refletir sobre a condição sensível do sujeito na contemporaneidade, analisaremos o filme *Ela* (2013), dirigido por Spike Jonze, cujo enredo nos conta a história de Theodore (Joaquin Phoenix). Trata-se de um personagem complexo e sentimental que ganha a vida escrevendo comoventes cartas

personais, que são publicadas em um site no qual os usuários as utilizam para se comunicar de uma forma diferente com seus amigos, parentes, namorados etc. Theodore consegue dar forma aos seus escritos de uma maneira tão envolvente, que acaba comovendo seus leitores. Porém, como ele próprio diz, “são só cartas”, ou seja, ele apenas escreve, mas as emoções expostas nos textos em nada traduzem sua realidade.

Theodore vive de forma melancólica, deprimido, solitário e, após o término de um longo relacionamento, fica intrigado com um sistema operacional, virtual novo e avançado de nome Samantha (interpretado pela atriz Scarlett Johansson, de quem só escutamos a voz) que promete ser uma entidade intuitiva, autônoma e personalizada para cada usuário.

A princípio, uma ferramenta tecnológica que o ajuda a organizar seus arquivos, sua agenda pessoal, seus textos etc., Samantha vai se tornando “alguém” importante para o personagem, até que eles se apaixonam e passam a ter um relacionamento.

Posto isto, discutiremos como os personagens demonstram e falam sobre seus sentimentos e como isto se revela como uma espécie de sintoma destes tempos hipermodernos (LIPOVESKY, 2004). Para tanto, o artigo está dividido em três seções: na primeira, trataremos sobre como o filme aborda a questão do sujeito e das relações interpessoais; na segunda, dissertaremos sobre a relação das tecnologias na produção das subjetividades na sociedade contemporânea, associando-a à trama da película; por fim, com base ainda em *Ela*, falaremos sobre as novas formas de relacionamentos surgidas com a evolução tecnológica do ciberespaço.

## **O Sujeito e as Relações Interpessoais**

O filme *Ela* se passa na cidade norte-americana de Los Angeles e é possível observar a presença constante da tecnologia e mídias digitais em todos os espaços ao longo da narrativa. Theodore, em seu cotidiano, apresenta-se bastante tímido e retraído. Relaciona-se apenas com seu chefe, no trabalho, e com um casal de vizinhos. Evita outros tipos de contato, adota como passatempo e entretenimento jogar vídeo games ou distrair-se acessando sites de pornografia.

Quando está em casa, totalmente só, busca companhias em salas de bate-papo pela internet para a prática de sexo virtual na tentativa de se satisfazer, conhecer

alguém interessante ou, quem sabe, conseguir relaxar e dormir. Entretanto, a experiência retratada no filme o deixa bastante frustrado, pois, ao final do ato sexual, sua “companheira” abandona o site sem ao menos ensaiar algum tipo de diálogo.

Em uma cena posterior, o personagem recebe um e-mail de Amy, sua vizinha e amiga, que o convida para uma pequena reunião no apartamento em que mora com o marido. Na mensagem, ela diz também que está com saudades, mas enfatiza que sente falta do “velho Theodore”, bem-humorado e engraçado, e não do triste e deprimido.

Esta frase reflete outra característica da contemporaneidade: a busca incessante pela felicidade e/ou sua constante demonstração, mesmo que falsa. Segundo Cabanas e Illouz (2022, p. 176), “a infelicidade virou sinônimo de disfuncionalidade, enquanto a felicidade passou a delinear o padrão psicológico das vidas saudáveis, normais e funcionais”. Como as relações são fluidas e superficiais e resiliência é palavra de ordem, as pessoas não querem ser incomodadas pelo sofrimento dos outros. Cada um que guarde suas dores na intimidade de suas casas. De fato, Theodore se mostra bastante melancólico, mas seu diálogo com as poucas pessoas com as quais se relaciona é sempre banal, sobre questões supérfluas. À noite, sozinho em seu quarto, ele chora...

O personagem leva uma vida monótona, sem novidades, até que, em uma manhã, ao se dirigir para o trabalho, depara com um banner luminoso com uma propaganda que lhe chama a atenção. É um anúncio sobre um Sistema Operacional Artificial intuitivamente inteligente, que mostra uma realidade virtual bastante agradável. Logo o personagem se interessa pelo produto e adquire um.

Ao instalar o sistema operacional, ele opta por uma voz feminina. Já se interessa e gosta do que está ouvindo - é como se já a conhecesse, a sensação é de que são íntimos. Samantha, como é chamada o sistema operacional - escolha do nome feita por ela mesma – impressiona Theodore. Parece compreendê-lo tão bem que ele logo se sente à vontade com ela. Também se encanta por sua leveza, pelo seu senso de humor e, principalmente, por sua inteligência.

Desde o início, eles estabelecem uma perfeita sintonia. Aos poucos, Theodore percebe nessa conexão - e com uma aproximação cada vez mais íntima entre eles - que algo a mais começa a surgir, dando lugar a um “relacionamento amoroso”. Samantha possui uma voz envolvente, está sempre pronta quando solicitada. Aos

poucos, Theodore sente que seu relacionamento com o Sistema Operacional é como se fosse com alguém de carne e osso, alguém real e presente no seu cotidiano.

Samantha exerce uma influência tão marcante no comportamento de Theodore que seus sentimentos vão se modificando completamente. O personagem se mostra mais feliz, saindo mais de casa, “passeando” com Samantha.

Amy, sua vizinha e amiga, percebe a diferença quando Theodore a ampara em um momento difícil – seu marido a abandonara para tornar-se religioso em algum país da Ásia. Em uma foto, é possível vê-lo ao lado de um suposto colega. Ambos vestem uma roupa abóbora e têm os cabelos raspados.

É interessante ressaltar que o diálogo entre Theodore e Amy reforça as afirmações de Haroche (2008) e Lipovetsky (2004) sobre a questão do individualismo e da dificuldade de relacionar-se com o outro. Amy explica ao amigo que a separação ocorreu porque ambos não aceitavam as pequenas particularidades do outro – como não retirar o sapato antes de entrar na casa. O casal vai se isolando em suas idiossincrasias, até que uma barreira intransponível se coloca entre os dois.

Theodore passa a frequentar cada vez mais a casa da amiga, principalmente depois que ele confessa que está se relacionando com Amy e esta, por sua vez, lhe diz que encontrou em um sistema operacional uma grande amiga. Uma relação de compreensão mútua se estabelece entre os dois personagens.

Finalmente, Theodore resolve assinar o divórcio – decisão que vinha protelando por não querer se separar. Ao encontrar sua ex-esposa, ela se surpreende, porque ele parece feliz e tranquilo. Ele revela que tem uma namorada, e a ex-esposa pergunta de quem se trata. Theodore toma coragem e conta que se trata de um Sistema Operacional. Ela o repreende, dizendo que ele é tão sozinho que não tem a capacidade de se relacionar com um ser humano, apenas com um “ser” virtual.

De fato, percebemos na obra de Jonze um sujeito imerso em uma completa situação de desamparo, isolamento social e desinteresse pelas relações pessoais que, apesar das expectativas, se contrapõe ao inusitado, ao desconhecido e prazeroso universo que pode ser estimulado e vivido através do uso das tecnologias digitais.

De acordo com Guattari e Rolmik (1996 apud Mansano 2009, p. 111), a "subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo", porque se constitui em um processo de produção que envolve múltiplos componentes. É o

resultado da apreensão parcial que o ser humano realiza permanentemente a partir de uma diversidade de elementos presentes no contexto social.

Com isso, o filme *Ela* nos leva a uma reflexão de como, em meio a tantas pessoas em seu cotidiano, o personagem Theodore abre mão de se aproximar de pessoas reais para iniciar um relacionamento afetivo com uma máquina. Talvez seja porque, inicialmente, o Sistema Operacional não o questiona nem demonstra as características individualistas tão comuns nas pessoas atualmente.

Ainda segundo Guattari (1996), ao sujeito é atribuída a essência humana pela qual somos atravessados o tempo todo. Esta concepção, por diferentes vias, colabora para que a nossa vida seja organizada de maneira bastante fixa, valendo-se de regras e valores instituídos que, ao ganharem uma configuração dominante, são legitimados como algo que deve assim permanecer.

Como descrevemos anteriormente, vemos um personagem de perfil bastante melancólico, depressivo que, após uma decepção amorosa que resultou em separação, acaba se isolando dos amigos e de familiares. Seu dia a dia resume-se a circular entre casa e trabalho sem nenhuma novidade e nenhum acontecimento especial, uma rotina entediante.

A chegada do Sistema Operacional vem lhe trazer um prazer que ele não sentia há bastante tempo, despertando sentimentos há muito abafados. Samantha passa a ser seu refúgio, e ele começa a compreender que o distanciamento desta sociedade pode levá-lo à felicidade. Ao isolar-se dos seres humanos, pode viver em um mundo aparentemente perfeito, no qual pode (quase) se comportar como quer sem ser questionado.

Theodore é bastante reservado, o que observamos ser um traço de sua personalidade. Suas ações e intenções são típicas de alguém que prefere não se expor por medo de não ter suas expectativas atendidas. No começo, quando está com Samantha, parece viver em outro mundo, no qual a vida se transforma em inúmeras possibilidades – que, com o tempo, vão se mostrar irrealis.

Para Richard Sennett (2014, p. 9), a “vida psíquica é tão preciosa e tão delicada que fenecerá se for exposta às duras realidades do mundo social” e “só poderá florescer na medida em que for protegida e isolada.” Sennett salienta ainda que,

quanto mais isolado do mundo público, mais difícil será de o indivíduo expressar e revelar seus sentimentos e emoções<sup>1</sup>.

Esta é uma situação que assistimos no filme: no momento em que Theodore adquire o Sistema Operacional, ele demonstra uma certa desconfiança em se abrir, até que vai se sentindo mais confortável e acaba se deixando levar totalmente. Entretanto, a conversa com a ex-companheira o faz refletir sobre aquela situação, a questioná-la.

Samantha, é um “ser” sem corpo, sem alma, atuando através da voz em um sistema virtual. Embora pareça demonstrar sentimentos, não passa de um programa de computador. Porém, é esta “máquina” que se torna a companhia de Theodore. Como se tivesse verdadeiramente vida própria, demonstra entender seus sentimentos e aparenta compreendê-lo muito bem.

O Sistema Operacional percebe a mudança de Theodore após o dia da assinatura do divórcio e pergunta o que está acontecendo. O personagem expõe seus dilemas, e Samantha parece ficar magoada. Depois de algum tempo, as coisas voltam ao “normal”. Na sua solidão, Theodore sente que o Sistema Operacional é essencial em seu novo momento na vida. O personagem volta a só ter olhos para esta encantadora novidade.

Segundo Sennett (2014, p.10), “multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares”. O autor chama a atenção ainda para que esta preocupação, ao contrário do que possa parecer, acabe se tornando uma armadilha, uma prisão e não uma libertação.

Retomando as ideias de Guattari (1996 apud Mansano, 2009), a noção de subjetividade refere-se a uma matéria-prima viva e mutante a partir da qual é possível experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir. Tal pensamento nos leva a uma reflexão mais aprofundada de como Theodore passa a se enxergar e existir de forma tão complexa e inusitada com Samantha nesse mundo exterior e vazio ao mesmo tempo.

---

<sup>1</sup> Cabe aqui citar Fiorin (2007), que esclarece a diferença entre emoção e sentimento: os sentimentos são duradouros, enquanto a emoção é uma sensação imediata repentina.

Reforçando este pensamento, Le Breton (2018) aponta que determinados sentimentos nos levam a crer que, alguns momentos, talvez seja melhor desaparecer. Sugere uma espécie de apagamento, de não existir neste mundo. Descansar, viver em plena liberdade, prestando contas apenas para nós mesmos, ainda que seja por pouco tempo, parece ser um desejo permanente na vida de muitos indivíduos nesta sociedade.

No decorrer do filme, Theodore se vê diante de uma série de possibilidades que vão surgindo em sua vida e reconstruindo um novo repertório conforme a intimidade com Samantha vai aumentando. Ele passa a transmitir uma sensação de que possui pleno domínio de suas escolhas e que relacionar-se com um “ser” virtual pode ser uma opção por uma vida emocionalmente satisfatória.

## **As Tecnologias Digitais na Produção das Subjetividades na Sociedade Contemporânea**

Após um momento de crescente intimidade experimentada na relação afetiva “incomum” entre Theodore e Samantha, podemos depreender, segundo o filme, que alguns sentimentos são aflorados e novamente podemos fazer uma relação com a “busca da personalidade” romântica mostrada por Sennett (2014, p. 11).

Se, a princípio, Samantha se demonstra insegura quando Theodore questiona seus sentimentos por ela ou com ciúmes quando o personagem visita Amy, este vai viver as mesmas sensações no momento em que o Sistema Operacional lhe revela que conversa com outros “seres”. Ao perguntar se ela estava apaixonada por outros, surpreende-se com o fato de que ela nutre “sentimentos” por mais 641 outros “seres”, com os quais conversa simultaneamente.

Richard Sennett (2014) aponta que, na sociedade contemporânea, o comportamento e as soluções são tratados como paixões quando assumem um caráter pessoal, mesmo que de maneira deturpada. Mais uma vez, tal pensamento se confirma no filme em momentos em que Theodore diz amar Samantha e ter com ela uma “vida” pessoal. Os ciúmes e a insegurança do personagem em relação ao sistema operacional ratificam as ideias de Sennett.

O indivíduo solitário, adepto a relações cada vez mais superficiais, em que a ele cabe se comprometer ou abandonar quando bem quiser, que está envolvido em

suas agruras da vida, tende a sofrer de ansiedade e desejar que as coisas aconteçam de forma imediata, rápida e acelerada.

Podemos constatar tais atitudes cada vez mais presentes em um coletivo de pessoas quando observamos as relações sociais estabelecidas nesta sociedade contemporânea cada vez mais frenética e superficial. Segundo Le Breton (2018, p. 44)

O vínculo social é mais um dado de ambiência do que uma exigência moral. Para alguns, ele é apenas o teatro indiferente de sua projeção pessoal. O vínculo com os outros é facultativo, ele deixa de ser um dado evidente. No desenrolar do dia a dia, a maioria das relações são descomprometidas; a televisão, a internet, os chats, os fóruns, o telefone celular, são meios de estar presente sem estar, e de interromper uma relação a seu bel-prazer, simplesmente desligando a tela. [...]. O indivíduo contemporâneo mais se conecta do que se vincula: embora ele se comunique cada vez mais, encontra-se cada vez menos com os outros.

Nesse sentido, é possível perceber que os vínculos entre as pessoas, muitas vezes, são frágeis. Ao mesmo tempo em que se vinculam rapidamente, desvinculam-se depressa, para viver outras experiências. São vínculos sem profundidade e importância. Na verdade, trata-se da busca sempre inatingível pela felicidade. Inatingível porque os sujeitos nunca estão satisfeitos – ao atingirem qualquer tipo de meta, é sempre hora de traçar outra. E esta outra pode implicar abandonar tudo (e todos) para se alcançar o que se deseja.

Neste ponto, podemos nos questionar: quais modos de vida precisam ser abandonados e quais outros pedem passagem em nossos dias? Qual a potência que temos para produzir outros modos de existir e colocá-los em circulação em sociedade?

Podemos responder às indagações acima, reportando-nos ao filme, pois, quando Theodore quando inicia um romance com Samantha, este relacionamento favorece a fantasia, o acaso, a novas possibilidades e formas de ser, ver e de existir. A opção de Theodore de compartilhar sua vida sentimental com Samantha nos mostra a urgência de romper com a obrigação de se ter uma vida pautada pelos padrões estabelecidos pela sociedade.

É possível notar que, com a tecnologia acessível ao maior número possível de usuários, pertencer a um mundo em constante mudança torna-se um desafio e, ao

mesmo tempo, um convite para experiências diferentes até então não vividas. Vale salientar que nem sempre essas experiências farão com que o sujeito se sinta satisfeito.

Nesse sentido, recorreremos a Gilles Deleuze (2001 apud Mansano, 2009, p. 112) que analisa o sujeito, partindo do pressuposto de que “a vida acontece neste campo problemático e complexo, onde os dados podem ser tomados como forças”. Segundo Deleuze, ainda, existem forças que afetam o sujeito de diferentes maneiras e perturbam uma organização mais conhecida, que convencionamos chamar de “eu”.

No filme *Ela*, é possível perceber todo o investimento feito por Theodore na busca pelo prazer e desejo que ele diz sentir por Samantha. No entanto, ele paga um alto preço por uma suposta perfeição que, a princípio, a "máquina" é capaz de entregar “simbolicamente”.

Cabe aqui novamente recorreremos a Mansano, que, por sua vez, se refere a Deleuze ao afirmar ser

(...) impossível manter qualquer tipo de controle ou planejamento sobre o que vai emergir, enquanto modo de vida, a partir do contato do sujeito com os dados. Para Deleuze, a composição de si envolve um processo vivo e, portanto, provisório, uma vez que o sujeito está vulnerável à ação de novas forças e dos acontecimentos. Daí a sua insistência em afirmar: “Se o sujeito se constitui no dado, somente há, com efeito, sujeito prático” (DELEUZE, 2001 apud MANSANO, 2009, p. 118).

Deleuze (2001 apud MANSANO, 2009) enfatiza que é impossível manter qualquer tipo de controle ou planejamento da vida, principalmente porque, embora - como acredita Le Breton (2018) - o sujeito contemporâneo procure se desvincular de tudo e desaparecer de si, não há como viver totalmente isolado do mundo. Para Deleuze, a composição de si envolve um processo vivo e, portanto, provisório, uma vez que o sujeito está vulnerável à ação de novas forças, dos acontecimentos e da relação com outras pessoas.

A partir desta observação, depreende-se uma forma de construir um novo eu, uma nova identidade. De fato, as transformações ocorridas nesta nova realidade social, notadamente as que dizem respeito ao ciberespaço, interferem diretamente nos modos de viver dos sujeitos e, conseqüentemente, em suas subjetividades.

## O CIBERESPAÇO E AS NOVAS FORMAS DE SE RELACIONAR

No livro *As paixões ordinárias*, David Le Breton discute o caráter social e cultural das emoções e sentimentos dos sujeitos. Para o autor, emocionar-se e sentir estão intimamente ligados ao papel social do indivíduo e à cultura na qual ele se insere. É uma trama complexa, em que é impossível dissociar as emoções e os sentimentos da sociedade e da cultura.

De acordo com Le Breton (2009, p. 138):

O gozo do mundo é uma emoção que cada situação renova de acordo com suas próprias cores. Mesmo a atividade de pensar não escapa a esse filtro. O homem não se insere no mundo como um objeto atravessado de sentimentos passageiros. Intricado em suas ações, suas relações com os outros, com os objetos que o entornam, com seu meio etc., ele está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocado.

É justamente esta situação que se apresenta no filme *Ela*. No desenrolar da narrativa, o amor que nasce da paixão de Theodore por Samantha pode ser compreendido como uma forma de reflexão da maneira como a tecnologia é usada como uma fuga da vida real.

Considerando os sentimentos de solidão e de desamparo e, diante da possibilidade de viver novas emoções, sentimentos especiais e prazerosos, o personagem é levado a ressignificar a sua relação entre o eu, o outro e o nós no interior do ciberespaço. O que antes parecia bastante inusitado – envolver-se com um sistema operacional - torna-se uma realidade. Porém, mesmo questionado pela ex-mulher, Theodore não consegue perceber o absurdo da situação.

Seu envolvimento com Samantha parece tratar-se de um refúgio, pois ele não é obrigado a lidar de fato com os sentimentos de uma mulher real, de carne e osso. Apesar de acompanharmos algumas discussões entre eles, na maior parte do tempo, vivem de forma harmoniosa. Theodore procura o Sistema Operacional quando sente vontade e, com exceção da parte final do filme – quando o programa sente que pode expandir-se infinitamente e viver novas experiências -, Samantha está sempre disponível.

Ao assumir o papel de “namorada” de Theodore, o Sistema Operacional adquire comportamentos característicos de uma representação feminina, despertando

no personagem um sentimento de felicidade. Theodore se envolve de tal maneira que, quando em uma ocasião Samantha fica “fora do ar”, ele se desespera.

Segundo Le Breton (2009, p. 147), “a afetividade não se equipara à aferição objetiva de um fato, ela decorre de um emaranhado de interpretações - de significados vividos”. Com isso, Theodore se sente verdadeiramente ligado à Samantha.

No filme, virtual e o real se confundem a tal ponto que começam a ser aceitos naturalmente conforme os sistemas operacionais vão se expandindo. As pessoas parecem preferir relacionar-se virtualmente. Entretanto, se, por um lado, a expansão dos sistemas operacionais faz com que os seres humanos busquem cada vez mais relacionamentos virtuais, por outro, os próprios sistemas operacionais passam a buscar outras relações que ocorrem concomitantemente. Como estão sempre se atualizando e se desenvolvendo, os sistemas começam a achar seus iguais muito mais inteligentes e interessantes.

Nesse sentido, cabe ressaltar que, como ‘máquinas’, os sistemas operacionais foram, obviamente, criados por seres humanos. Entretanto, o filme mostra que tais sistemas, conforme sua tecnologia avança, adquirem inteligências e capacidades maiores que a dos seres humanos. E esta situação, embora não seja abordada explicitamente no filme, torna-se um risco.

A tecnologia é uma ferramenta de poder, que deve estar a serviço do homem – e não o contrário. Talvez, por isso, os sistemas acabem sendo desligados, parando de funcionar. Afinal, são apenas programas que, apesar de se mostrarem inteligentes e até sentimentais, são dominados por seres humanos. Porém, para os personagens – tanto para Theodore quanto para sua amiga Amy -, quando os programas param de funcionar, é como se alguém próximo morresse.

As cenas finais do filme mostram Theodore escrevendo uma carta para sua ex-mulher, desculpando-se por ter se isolado no relacionamento, causando sofrimento a ela. Parece uma mensagem de despedida... Em seguida, ele vai ao apartamento de Amy e pede que ela o acompanhe. Juntos, se dirigem até o alto do prédio, onde se sentam abraçados, olhando para o infinito.

## **Considerações Finais**

Dentro do ambiente da web, o sujeito pode não somente explorar toda sua potencialidade de construção e criação, mas também idealizar novos dispositivos de

poder. Segundo Paula Sibília (2008, p. 10), na contemporaneidade, aos indivíduos cabe

[..] a importante tarefa de “inventar novas armas”, “capazes de opor resistência aos novos e cada vez mais ardilosos dispositivos de poder; criar interferências, “vacúolos de comunicação, interruptores” na tentativa de abrir o campo do possível desenvolvendo formas inovadoras de ser e estar no mundo.

Essa percepção faz parte de uma lógica de conquista que Samantha passa a vivenciar, justamente porque seu sistema tecnológico está sempre se desenvolvendo. Ao longo de sua relação com Theodore, sua expansão desperta sua curiosidade por outros sistemas e também por outras pessoas. Com isso, estabelece diálogos simultâneos e relacionamentos com outras centenas de “seres”.

Em seu livro *O show do eu*, Sibília (2008) se refere à mudança vertiginosa que vem ocorrendo conforme as redes digitais de comunicação se ampliam ao redor do planeta. No ciberespaço, germinam novas práticas sociais de difícil qualificação, mediadas pelo uso do computador e que a cada dia ganham novos adeptos em todo mundo. Essa particularidade é visível na obra de Jonze, na constituição de diversas relações vistas no filme em que milhares de usuários, diariamente, experimentam relações instantâneas em redes de sociabilidade.

A popularização das redes sociais, dos canais de bate-papo ou *chats* transformou-se em um fenômeno que conecta milhares de pessoas indiscriminadamente, o dia todo, em um ritmo crescente. Nas redes, são publicadas fotografias, *photoblogs*, *videoblogs*, diários íntimos escritos que ficam expostos na web, acessíveis para qualquer pessoa.

Essa prática pode ser vista como um paradoxo do nosso tempo no qual a intimidade fica exposta em uma vitrine mundial. As pessoas buscam chamar cada vez mais atenção para si, fazem questão de registrar todos os momentos vividos - sobretudo, os momentos felizes - e, assim, aparentar uma “vida perfeita, plena e bela”. Buscam “likes” e serem reconhecidas pelo que propagam nas redes sociais.

Não à toa, a internet tem cumprido um papel fundamental em nossos tempos, sendo uma das maiores invenções do século XX. Seu advento, proporcionou inúmeras possibilidades de explorar a criatividade, a inventividade, além do compartilhamento de experiências e conhecimentos, interações sociais e humanas.

Além disso, o uso da internet e suas interações têm produzido novas formas de ser e existir no mundo, tornando possível o surgimento de novas subjetividades, novos modelos de relacionamentos.

A internet encurtou distâncias, permitiu que várias pessoas se comunicassem em tempo real, mesmo estando em espaços distintos, proporcionou o compartilhamento de afinidades, gostos, hobbies. Atualmente, cada usuário pode criar seu próprio “avatar”, expor-se globalmente “sem filtros ou com”, estudar, se relacionar amorosamente a distância etc.

Nesse sentido, o ciberespaço e as tecnologias digitais de informação e comunicação estão revolucionando o imaginário social, além de gerar vários anseios em relação ao novo, ao não vivido e a tudo o mais que possa surgir em um curto espaço de tempo.

Outro fator igualmente importante diz respeito à visibilidade e ao alcance que o usuário pode obter com o uso das redes digitais e de outras formas de interação na web. Tornar-se conhecido no mundo digital produz “ganhos” para quem exerce, com criatividade, a função de “influencer digital” e é capaz de mobilizar uma infinidade de pessoas a consumirem produtos ou serviços que fazem parte de seu cotidiano.

Com efeito, as subjetividades produzidas nesta sociedade contemporânea, na qual novos horizontes estão sendo desbravados de forma corrente e avassaladora, as novas formas de se relacionar estão se transformando na mesma proporção e logo farão parte da rotina de grande parte da população.

Entretanto, como o filme *Ela* aponta, é preciso ter cuidado para que o mundo virtual não se transforme no mundo “real”. Nos dias de hoje, como forma de fugir da solidão, inúmeros indivíduos estão se relacionando virtualmente com pessoas com as quais nunca estiveram pessoalmente. Se, por um lado, pode ser uma experiência enriquecedora, por outro, pode implicar o alheamento às situações concretas da vida. Afinal, na internet, os sujeitos do outro lado da tela são seres fluidos, como corpos que podemos ver, mas jamais tocar se não ultrapassarmos a barreira do virtual.

## Referências

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia – Fabricando cidadãos felizes*. Ubu Editora, 2022. Edição do Kindle.

ELA (Her). Spike Jonze (dir.). Estados Unidos, 2013, 126 min.

FIORIN, José Luiz. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 5, n. 2, dez 2007, p. 1-15.

HAROCHE, Claudine. A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. **Paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo: p. 110-117, 2009.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.